

SOCI@BILIDADE VIRTUAL NO *ORKUT*: UM ESTUDO DE CASO EM QUISSAMÃ/RJ

Rafael de Almeida Ávila Lobo¹

INTRODUÇÃO

Com a chegada e a disseminação recentes da Internet no Brasil, temos um campo privilegiado de estudos quanto às relações entre essa tecnologia e a sociedade brasileira. Em face da primazia elitista e urbana da rede mundial de computadores no Brasil, nesse trabalho nos propomos à discussão de um caso no qual o acesso à Internet banda larga foi disponibilizado em massa para a população de Quissamã no Estado do Rio de Janeiro. Essa cidade foi recém emancipada (1989), apresenta recente passado rural, escravista, patriarcal e monocultor (cana-de-açúcar), tem uma população de aproximadamente 17 mil habitantes e é uma das nove cidades produtoras de petróleo, sendo privilegiada com os maiores quinhões das rendas petrolíferas (*royalties*), no norte do Estado do Rio de Janeiro (CRUZ e PINTO, 2007). Desse modo temos uma cidade com um dos maiores PIB *per capita* do país, que disponibiliza Internet gratuitamente e em larga escala para sua população, inclusive os mais pobres.

Tendo Quissamã um contexto diferenciado das demais cidades/lugares onde a Internet chegou primeiramente e onde os estudos nos permitem a apreensão de desdobramentos diversos, ela tem nos apresentado características diferenciadas quanto a sociabilidade virtual empreendida pelos jovens do local. Temos razões para acreditar que o contexto sócio-histórico de Quissamã liga-se às conseqüências diferenciadas em relação à informática e a Internet, pois as sociabilidades virtuais dos jovens e adolescentes de lá têm se dado de modo diferente quanto ao que preconiza a idéia de sociabilidade virtual pautada no paradigma do *individualismo em rede*, desenvolvido por Castells (2003, 2006 e 2007). Esse paradigma busca corroborar uma visão da modernidade e suas implicações quanto ao fenômeno do individualismo, atribuindo a esse uma formação de redes mediadas pelas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC'S). No caso, Castells, assim como outros, acreditam que esse individualismo se expressando por meio de redes se contraporia a uma tendência fragmentadora da vida social nas sociedades modernas. Como nosso foco nesse estudo é a sociabilidade virtual, não nos cabe aqui apenas tratar a Internet enquanto tecnologia. Assim sendo, para a temática que se seguirá, partiremos da seguinte definição de Lídia Oliveira Silva: “*A internet é um espaço de espaços onde o público e o privado, o local e o global, o material e o virtual coabitam, o que conduz à geração de novas sociabilidades e reorganização das sociabilidades tradicionais*” (SILVA, 2001, p. 160).

Nesse sentido, buscaremos defender a idéia de que a sociabilidade virtual dos jovens de Quissamã é um exemplo de que a modernização e os aspectos tradicionais convivem no mundo contemporâneo. Na seqüência do trabalho exploraremos as questões da modernidade, do individualismo, das comunidades virtuais e o caso de Quissamã.

¹ Mestrando do curso de Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

1 SOCIABILIDADES NA MODERNIDADE: O INDIVIDUALISMO E AS COMUNIDADES VIRTUAIS

Nosso objetivo nesse tópico é debater o individualismo enquanto fenômeno moderno, suas implicações na sociabilidade, sobretudo em suas modalidades virtuais, e em que medida o paradigma do individualismo que se constrói em rede se relaciona com as comunidades virtuais. Pensando no caso brasileiro, principalmente no de Quissamã, tentaremos fazer os necessários ajustes das teorias que iremos utilizar.

Para Domingues (2002), o individualismo contemporâneo surge a partir de mecanismos especificamente modernos, que possibilitam aos sujeitos uma autonomia aparentemente sem precedentes na história humana. Para ele, a crescente complexidade da vida social, configurada mediante uma diferenciação social que, por sua vez, não excluiu os processos de desdiferenciação, multiplicou as possibilidades de engajamentos, projetos e identidades individuais. Essa autonomia que coube ao indivíduo, crê o autor, é gerida cada vez mais pelas faculdades reflexivas dos mesmos. Esse fenômeno tende a liberar o indivíduo dos laços “estáveis” da vida comunitária e a soltá-lo em um mundo onde ele terá a “liberdade/obrigação” de controlar sua vida, em diversos âmbitos, através de suas próprias escolhas. Nesse sentido Anthony Giddens vê que as certezas dos modos de vida pré-modernos são solapadas e o indivíduo arrancado dos contextos tradicionais, locais e relativamente estáveis de existência. Com a radicalização da modernidade, em parte devido à recente globalização, isso foi içado a patamares superiores de extensão e intensidade (GIDDENS, 1991).

De acordo com Norbert Elias, as funções de proteção e controle do indivíduo, previamente exercidas por pequenos grupos, como a tribo, a paróquia, o feudo, a guilda ou o Estado, foi sendo transferida para Estados altamente centralizados e urbanizados. Nestes últimos, o indivíduo teve que trabalhar muito mais por si, a mobilidade espacial e social das pessoas aumentou e seus envolvimento com a família, o grupo de parentesco, a comunidade local e outros grupos dessa natureza antes inescapável pela vida inteira, viu-se reduzido. As questões da escolha e da autonomia das quais esse individualismo faz jus, aparecem assim em Elias:

[...] à medida que os indivíduos deixam para trás os grupos pré-estatais estreitamente aparentados, dentro de sociedades nacionais cada vez mais complexas, eles se descobrem diante de um número crescente de opções. Mas também *têm* que decidir muito mais por si. Não apenas *podem* como *devem* ser mais autônomos. Quanto a isso, não têm opção (ELIAS, 1994, p. 102).

Apesar dessa “liberação” do indivíduo, Beck² (1986) propõe que os processos contemporâneos de individualização não devam ser vistos como possuindo sinal negativo, levando à atomização, ao narcisismo e ao isolamento. A individualização não conduziria ao total distanciamento dos indivíduos condenando-os ao esvaecimento de suas sociabilidades, fato esse que é de certa forma corroborado em Castells (2007) com sua idéia de individualismo em rede. No entanto, mais uma vez Elias (1994) se faz presente no debate e, quanto a essa questão relacional, postula:

Considerados como corpos, os indivíduos inseridos por toda a vida em comunidades de parentesco estreitamente unidas foram e são tão separados entre si quanto os membros das sociedades nacionais complexas. O que emerge muito mais nestas últimas são o isolamento

² *Apud*, DOMINGUES, 2002, p. 56.

e a encapsulação dos indivíduos *em suas relações uns com os outros* (ELIAS, 1994, p. 103).

Não apenas a teoria de Elias, mas também algumas outras que temos tido acesso pintam um quadro da sociabilidade urbana na modernidade, até certo ponto, com cores frias. Ou seja, a cidade é vista como um local onde os estranhos até se encontram, mas que só às vezes se conhecem uns aos outros; é vista também como um local de redes esparsas, nas quais afinidades podem ser descobertas, mas não assumidas; e mais exatamente como uma estrutura fluida, onde a trajetória de vida das pessoas não é inteiramente previsível. Entretanto, encontramos em Hannerz³ (1982) um contraponto. Para o autor a cidade tende a ser o local onde relações de distância e curta distância coexistem com uma intensificação das interações a partir da combinação das mesmas. A cidade, para ele, não é apenas o quadro frio retratado acima, embora ele considere que não se possa dizer que tal quadro seja uma ficção decorrente de nossa imaginação. Temos então duas espécies de enfoque quanto ao individualismo da modernidade no contexto urbano: um que atenta para o isolamento e esfriamento das relações sociais e outro que alude para o inverso, porém sem supervalorizá-lo.

É preciso ponderar acerca do contexto para os quais escreveram esses autores. Por exemplo, quando da análise das comunidades de parentesco, Elias cita estudos de exemplos africanos, ou seja, alguns em modos de vida tribal e outros pós-tribal. Já para os estudos das sociedades nacionais complexas ele se pauta no exemplo europeu. Desse modo, em face desse constructo europeizado da modernidade, nós que estudamos o caso brasileiro precisamos fazer algumas devidas ressalvas quanto à modernidade no Brasil e os seus desdobramentos na sociabilidade. Para José de Souza Martins (2000) o tema da modernidade é um tema europeu uma vez em que se liga à questão do progresso. Entretanto, para o caso brasileiro o autor faz o seguinte comentário:

No caso [...] brasileiro, a crítica constitutiva da modernidade vem do “hibridismo” cultural, da conjunção de passado e presente, do inacabado e inconcluso, do recurso ao tradicionalismo e ao conservadorismo que questionam a realidade social moderna e as concepções que dela fazem parte e a mediatizam; a opressão e os absurdos do moderno, da racionalidade, da quantidade, do modismo, do transitório e passageiro como maneira permanente de viver e de ser. O inacabado e inconcluso, a modernidade que não se completa, produziu no Brasil uma consciência social dupla, o diverso segmentado e distribuído nos compartimentos da cultura e da vida (MARTINS, 2000, p. 24 e 25).

Para o autor, o que teríamos no Brasil seria modernidade sim, mas teríamos uma cuja constituição e difusão são enredadas em referenciais do tradicionalismo. Desse modo, como modernidade e tradicionalismo se relacionam na conformação das sociabilidades?

Individualismo e sociabilidade

Em vista desses enfoques e dos desdobramentos da modernidade na sociabilidade, acreditamos que o que ocorre é o fato das relações sociais estarem assumindo outras formas, e não sumindo: a sociabilidade sob a dinâmica do individualismo se distinguiria da que ocorre em situações pré-modernas; no primeiro o indivíduo seria compelido a decidir sua vida e sua rede de relações sociais mesmo que sob diversas contingências; na segunda, a vida estável e as redes de sociabilidade são definidas e também contingenciadas pelo grupo ao qual se pertence, sobretudo se esse for fundacional.

³ *Apud*, FRÚGOLI JR., 2007, p. 47.

Logo, entendemos que a mudança está na forma como a sociabilidade se expressa, passando, cada vez mais, do automatismo concebido pelo grupo, para a obrigatoriedade da escolha individual. No entanto, essa distinção que fizemos dá-se enquanto tipos ideais. Entendemos que ambos possam conviver, dialogar e mutuamente se influenciar na composição das realidades sociais da atualidade. A modernidade não acaba com a tradição, pois segundo Giddens (1997), a tradição demarca-se não pela temporalidade, por aquilo que seria o antigo, mas sim pela repetição e pelos ritos.

Para avançarmos mais em relação ao individualismo da modernidade ocidental e as subseqüentes formas de sociabilidade, é preciso que tomemos o contexto urbano como o principal, pois são nas grandes cidades e metrópoles que os fenômenos considerados modernos atuam com grande relevo. A modernidade está em larga medida nas cidades e, assim sendo, os indivíduos também. Estes, cada vez mais individualizados e dependentes de suas próprias escolhas, convivem com outros indivíduos na cotidianidade urbana. Para Heitor Frúgoli Jr. (2007), as cidades modernas representam a confluência histórica do individualismo quantitativo (referente à livre concorrência liberal do século XVIII) com o individualismo qualitativo (relativo à divisão do trabalho instaurada no século XIX), cujo alargamento das redes de relações transforma o indivíduo em pólo de tensões e relações.

Em seus estudos Park⁴ (1952) consolida algumas noções recorrentes sobre a dimensão urbana e a sociabilidade. Para o autor os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram. Isso possibilita que indivíduos passem rápida e facilmente de um meio para outro e encoraja o experimento fascinante, mas perigoso, de viver ao mesmo tempo em vários e diferentes mundos contíguos, mas amplamente separados. Ou seja, a cidade é o lugar da possibilidade da pertença múltipla a vários contextos. Já para Joseph⁵ (1998) – que retoma criticamente a Escola de Chicago – a cidade não seria apenas um mosaico de territórios. Para o autor a cidade põe em contato, num espaço diferenciado, sociedades heterogêneas. Em Giddens (1991), a retirada da atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais e também a sociabilidade através de grandes distâncias tempo-espaciais, comporia o que ele denomina como os *mecanismos de desencaixe* na modernidade.

Posto o debate, entendemos que através dos grupos tradicionais, sobretudo nos fundacionais, a sociabilidade tende a se originar endogenamente, através de laços consangüíneos, de compartilhamento da territorialidade, da identidade grupal, de tradições, dentre outras, que se iniciam dentro do grupo. Pelo individualismo na modernidade, a sociabilidade tende a se originar pelos processos de escolha desse indivíduo que habita os centros urbanos e que em razão da sua locomoção por diversificados espaços (reais ou virtuais) entra em contato freqüentemente com diferentes tipos de pessoas e realidades. Essas escolhas são contingenciadas pela capacidade de locomoção pelos variados espaços urbanos (do pagode no subúrbio até o restaurante francês no bairro mais nobre da cidade), pelo capital cultural da pessoa, pela classe social a qual pertence e, inclusive, pela própria tradição. As escolhas podem se pautar nos interesses do indivíduo, gostos, preferências, identidade, etc. Assim, o espaço urbano se configura pela multiplicidade de sociabilidades entre pessoas diversas,

⁴ *Apud*, FRÚGOLI JR., 2007, p. 19.

⁵ *Apud*, FRÚGOLI JR., 2007, p. 22.

“unidas” por meio das razões de suas escolhas⁶, sejam quais forem essas, e pela ação de suas contingências.

Não queremos com isso dizer que no contexto urbano não existam sociabilidades pautadas em aspectos comunitários expressos pela territorialidade, pela consangüinidade, pela identidade ou pelas tradições. Também não queremos erroneamente afirmar que em cidades pequenas, subúrbios e em contextos rurais atualmente não encontremos um quê de modernidade, de individualismo e das escolhas. Para o contexto urbano acreditamos que tanto a sociabilidade pautada no individualismo quanto a pautada nas relações comunitárias, grupais e tradicionais, possam conviver. Entretanto, esse comunitarismo e as tradições que ocorrem no contexto urbano não são fundacionais, mas sim criadas na própria dinâmica moderna urbana por meio de diversas formas de agregação (interesses, escolhas, identidades, cultura, etc.) e retraditionalização; logo, produzido pelo individualismo – ainda que as escolhas que esse implica sejam pré-reflexivas. Frúgoli Jr. em um estudo antropológico sobre sociabilidade de jovens em distintos *shopping centers* de São Paulo encontrou algumas condicionantes para o estabelecimento de grupos e sociabilidades pautados na escolha e na partilha.

[...] constatou-se desde redes juvenis assentadas na seletividade de consumo e pertencimento, definindo um rol mais restrito de participantes, onde se desenvolviam “relações entre iguais” (com base na posse do mesmo capital cultural), até outros casos (principalmente em shoppings direcionados para certa massificação), onde predominavam códigos de interação entre grupos de jovens provenientes de distintos bairros, situados em diferentes posições socioculturais [...] (FRÚGOLI JR., 2007, p. 25).

Esse enfoque no “poder de escolha” aparece, em alguns estudos sobre o Orkut, como ponto chave da sociabilidade nessa rede virtual de relacionamentos. Uma vez nela, “independentemente” das variáveis tempo e espaço, podemos escolher com quem vamos interagir dentre uma gama infundável de pessoas disponibilizadas e interligadas através de redes. Ainda que não conheçamos a tal pessoa com a qual pretendemos nos relacionar, a interação pode ocorrer, mesmo que seja minimamente para decidir, mutuamente ou não, se a interação irá continuar. Entretanto, como demonstraremos, podemos encontrar no Orkut tradicionalismos que, apesar do contraste face ao individualismo em rede e seu império das escolhas, não deixa de ser moderno, sobretudo para o caso brasileiro.

Seguindo-se a linha de raciocínio por nós delineada quanto ao debate da modernidade, acreditam alguns autores que com a difusão da Internet estão emergindo *on-line* novas formas de sociabilidade e novas formas de vida urbana, adaptadas, em variados graus, ao nosso novo meio ambiente tecnológico. Essas “novas formas” combinam aspectos modernos com aspectos tradicionais. Nesse sentido, um fenômeno marcante na modernidade é o surgimento das comunidades virtuais. De acordo com Fábio Fernandes (2006), essas existem desde o tempo dos BBS (*Bulletin Board Systems*) nos anos 1970 nos EUA e final dos anos 1980/início dos anos 1990 no Brasil.

As comunidades virtuais

⁶ Essas escolhas, por sua vez, se dão de maneira reflexiva como afirmam Beck (1986) e Giddens (1991), mas também se dão de forma pré-reflexiva, o que lhes auferem certo automatismo.

Apesar das diferenças com as comunidades reais, ou seja, por não serem físicas e não seguirem os mesmos modelos de comunicação e interação, as virtuais não são “irreais”, mas funcionam em outro plano da realidade. Apesar de alguns autores se oporem ao fenômeno das comunidades virtuais expondo o descompromisso e o isolamento com tendências depressivas dos usuários/integrantes, precisamos entender que as comunidades virtuais não precisam opor-se às comunidades físicas. Elas são formas diferentes de comunidade, com leis e dinâmicas específicas, que interagem com outras formas de comunidade. O conceito base de “comunidade virtual”, encontrado em Castells (2003 e 2007), as estabelece como redes sociais interpessoais, majoritariamente através de laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada. E mais, elas transcendem a distância, a baixo custo, geralmente são assíncronas, combinam a rápida disseminação da comunicação de massa com a penetração da comunicação pessoal, e permitem afiliações múltiplas em comunidades parciais.

As comunidades virtuais promovem comunicação em tempo real ou atemporal, de muitos para muitos, com transferência de dados e conteúdos digitais, possibilitando formas de contactar pessoas a partir de seus centros de interesses. Como veremos adiante, pelo fato de a própria sociedade na radicalização da modernidade caminhar para uma crescente individualização essas formas interativas não-físicas ganham notoriedade pela adesão crescente, sobretudo enquanto deflagradoras de encontros *face a face* (BRETAS, 2000).

De acordo com o exercício *netnográfico*⁷ empreendido por Cláudia da Silva Pereira (2007), as comunidades virtuais podem apresentar dois tipos diferentes de configuração. O primeiro consiste nas que se formam no “mundo real” (*in real life*) e são transportadas para o ambiente virtual; exemplo das comunidades de ex-alunos de uma dada faculdade e de freqüentadores de um mesmo clube poliesportivo. Nelas, as possibilidades de simulação das identidades são mais restritas, já que sua existência só é possível a partir de referências dadas, sejam elas históricas, sociais ou culturais. Em outras palavras, só faz parte dessas comunidades quem detém o conhecimento e quem não deixará de “existir”, como parte delas, ao se desconectar da Internet. O segundo tipo são as comunidades estritamente virtuais, ou seja, não possuem uma preexistência, coexistência ou pós-existência na IRL. Elas são formadas por indivíduos que compartilham idéias, crenças e valores comuns que giram em torno de “um” tema. A par dessas definições, precisamos nos fazer a seguinte pergunta: como surgem, ainda que sob a tônica do individualismo, as comunidades virtuais? Responderemos a essa pergunta no tópico a seguir.

O individualismo em rede

Nas cidades, sobretudo nas grandes e desenvolvidas, é bastante comum que as pessoas não se relacionem e muitas vezes nem conheçam seus vizinhos da rua ou do

⁷ Espécie de etnografia em comunidades da Internet. O método netnográfico, segundo Kozinets (1998), é interpretativo. Nesse ponto, faz referências diretas a Geertz (1989), chamando a atenção para a necessidade de uma total imersão do pesquisador no campo, ao ponto de ele ser reconhecido como um membro da cultura estudada. Para isso, é necessária uma “descrição densa”, assim como a compreensão da linguagem e dos símbolos dessa cultura, que deverão ser traduzidos através de uma interpretação com grande participação da subjetividade do pesquisador. Por esse motivo, lembra Kozinets, é tão importante a reflexividade na função de observador, além de um *savoir faire* interpretativo, que condiciona a qualidade de todo o trabalho de pesquisa (PEREIRA, 2007, p. 360 e 361).

condomínio, mas possivelmente elas interajam com grupos e pessoas geograficamente dispersos e de certa forma ligadas por propósitos diversos. É esse o individualismo e é assim que seu imperativo das escolhas contingência a sociabilidade nas grandes cidades. Entretanto, na modernidade estamos vendo a sociabilidade e a formação de agrupamentos humanos com o uso das NTIC's darem origem ao que se convencionou chamar de comunidades virtuais. E como elas se formam?

Maria Beatriz Almeida Sathler Bretas (2000) em seu estudo sobre interações telemáticas de jovens internautas em Belo Horizonte constatou que grande parte dos adolescentes pesquisados formava turmas na *web* e com elas se encontravam no espaço urbano. A Internet estava servindo para cultivar amizades criadas pelas afinidades observadas nas salas de bate-papo. Ao analisar o conteúdo das *homepages* desenvolvidas por esses jovens, Maria Beatriz percebeu que estes não queriam apenas se tornar conhecidos, mas também tinham um objetivo bem prosaico: entrar em contato com quem mora na mesma cidade e frequenta lugares parecidos. Ela procurou mostrar que a rede não funcionava apenas como espaço diferenciado de sociabilidade, mas ajudava a criar relações reais e a reforçá-las. Logo, o estudo da professora nos mostra que sociabilidades eminentemente virtuais podem deflagrar encontros póstumos onde ocorrerá a sociabilidade *face a face*. E mais, essas, sobretudo nos grandes centros urbanos desenvolvidos, onde o individualismo da modernidade encontra-se mais disseminado, dão-se pela agregação de interesses, identidades, preferências, dentre outras, resultadas, em grande medida, pelas escolhas dos indivíduos.

Em meio à modernidade, a possibilidade que se coloca perante o indivíduo é a do estabelecimento de redes de relacionamentos, onde as sociabilidades *presencial não-física* e *atemporal não-física*⁸ assumem grande relevo em virtude da dificuldade cada vez maior em estabelecer uma sincronia tempo-espacial entre os interagentes, vide, segundo Giddens (1991), os mecanismos de desencaixe. *Tempo* e *espaço* aparecem como contingenciadores da sociabilidade, mas isso não significa a morte do *face a face*. O que se dá é que as NTIC's aparecem como bons meios de estabelecimento e manutenção dos vínculos sociais, dando ao indivíduo “alternativas” a individualização da modernidade, podendo aquele, tecer suas redes de relações sociais e filiações em comunidades virtuais dos mais diversos propósitos. Temos então a conformação do que Castells (2007) chama de individualismo em rede. Este é um padrão social: indivíduos montam suas redes, *on-line* e *off-line*, com base em seus interesses, valores, afinidades, identidades e projetos; e por causa da flexibilidade e do poder de comunicação da Internet, a interação social *on-line* desempenha crescente papel na organização social. Em outras palavras, nesse sistema as ações coletivas, a interatividade e os laços sociais se dariam pela agregação de interesses, identidades e preferências comuns entre pessoas que não estariam necessariamente próximas temporal e espacialmente ou no mesmo contexto social. Essa “reaproximação” poderia conformar comunidades virtuais que, em certa medida, tentariam fazer um pouco do papel que cabia às comunidades territoriais (integração, acolhimento, partilha, pertença, provimento, etc.).

Este fenômeno recente, o individualismo em rede, para Castells (2007) permite a modificação das formas de sociabilidade dos indivíduos. O autor crê que hoje, cada vez mais as “redes” estão substituindo os “lugares” como suportes da sociabilidade nos bairros e nas cidades. Os indivíduos podem tentar escolher com quem irão se relacionar

⁸ Na primeira os interagentes estão no mesmo tempo, porém não no mesmo espaço; na segunda não estão nem no mesmo tempo nem no mesmo espaço.

em virtude de inúmeros motivos, e não somente pela localidade, pela tradição ou consangüinidade. As relações sociais na modernidade, sobretudo nos grandes centros, estruturam-se em forma de redes não estáveis, fragmentadas e com composição variada.

Entretanto, em nossa pesquisa em Quissamã, temos visto a existência de um padrão social diferenciado. Nessa cidade temos constatado o potencial das redes virtuais de relacionamento na Internet – as quais Castells acredita que serviriam para amenizar o individualismo – servindo como suporte para as dinâmicas sociais comunitárias dos adolescentes e jovens usuários das salas públicas de acesso gratuito à Internet. Ou seja, estes estão utilizando a mesma rede (a Internet) que Castells (2007) crê que os demais usam para formar as comunidades e as relações que descrevemos acima, para interagirem apenas com pessoas do contexto local que foram conhecidas em sua grande maioria *a priori*, fora da Internet. Essa forma de comunitarismo virtual se diferencia da costumeiramente debatida, pois ela tem raízes territoriais e tradicionais locais *off-line* que estabelecem uma espécie de “norma” comum que é adotada em intensidades não tão distintas entre os jovens entrevistados: “*só nos relacionamos com as pessoas na Internet (Orkut) se já a conhecemos no dia a dia fora da Internet*”. Essa norma tem implicações para as redes sociais desses jovens.

Esse tipo de norma, por ocorrer nessa pequena cidade do interior, até certo ponto distante de grandes centros urbanos, “limita” a sociabilidade desses jovens às pessoas da mesma cidade⁹. Pois vejamos, se a sociabilidade dos jovens quissamãenses exige *referências tradicionais*¹⁰ do outro, ela não estará aberta para sociabilidades com “pessoas virtuais”¹¹. A sociabilidade virtual dos jovens quissamãenses dar-se-á com grande peso com pessoas que tenham referências ligadas ao local geográfico. Por exemplo, pessoas que freqüentam os mesmos lugares da cidade, que vão à mesma praia, estudam na mesma escola, moram no mesmo bairro, etc. Ou seja, pessoas que moram na mesma cidade. Assim, as relações sociais que vão se dando pela internet com esses jovens ou se iniciam no dia-a-dia (fundadas em aspectos de vida comunitária) ou se iniciam na rede mas tendo como pré-requisito, as tais referências tradicionais. Logo, a *virtualidade* das interações dos jovens quissamãenses carece da *realidade a priori* das mesmas.

Segundo José de Souza Martins (2000), em vista da perspectiva da modernidade brasileira, mesmo as grandes cidades do Brasil estão cheias de sinais das anomalias da modernidade. Logo, se essas grandes cidades que, já há tempos, passam por processos de modernização e desenvolvimento, apresentam determinadas características híbridas; as pequenas cidades do interior, que só a pouco têm experimentado com mais força a modernidade, ainda apresentariam *tradicionalismos* não tão impactados por aquela bem como pela globalização recente. Acreditamos ser este o caso, não somente de Quissamã, como também de outras cidades interioranas e rurais do Brasil. Partiremos agora para o aprofundamento do caso empírico que pesquisamos.

2 OS JOVENS QUISSAMÃENSES NO ORKUT

⁹ Incluímos aí também, as pessoas que eram da cidade mas que por diversos motivos tiveram que mudar.

¹⁰ Notamos que essas referências têm uma forte conexão com a vida do dia-a-dia fora da Internet. Essas referências são demarcadas pela localidade: saber em que bairro mora, se é amigo de alguém já conhecido, se mora perto, se é filho de conhecido, namora com quem, estuda em que escola, etc.

¹¹ Desconhecidos/estranhos da Internet que não têm como fornecer aquelas referências exigidas pelos quissamãenses.

Nesse momento passaremos a debater o caso dos adolescentes e jovens usuários do sistema municipal de Internet em Quissamã, mais especificamente os usuários das salas públicas de acesso gratuito mantidas pela Prefeitura local. Antes, porém, falaremos rapidamente de algumas características sociais, econômicas e históricas da cidade, pois acreditamos que essas irão compor a explicação da sociabilidade virtual dos entrevistados.

Quissamã, um jovem município rico

A cidade de Quissamã está localizada na mesorregião do Norte Fluminense e microrregião de Macaé, atualmente possui aproximadamente 17 mil habitantes e com pouco menos de vinte anos de emancipação, é uma das nove cidades produtoras de petróleo, sendo privilegiada com os maiores quinhões das rendas petrolíferas (*royalties*), no norte do Estado do Rio de Janeiro (CRUZ e PINTO, 2007). Atualmente a cidade ganha relevo pelos investimentos públicos na proteção social, associados às políticas de infra-estrutura e serviços urbanos, de geração de trabalho e renda e de fomento ao desenvolvimento econômico. Essas ações, apesar do pouco tempo de vida do local enquanto município, já apresentaram indícios de impactos positivos significativos nos indicadores referentes aos componentes essenciais de um processo de desenvolvimento (SEN, 2000)¹².

Devido ao seu passado recente estar ligado ao modo produtivo agrícola, monocultor (cana-de-açúcar), patriarcal e escravista¹³, a “Quissamã de hoje” trás como herança diversas marcas e contextos causados por essa conjuntura. Apesar de sua recente emancipação e do atual desenvolvimento econômico ela ainda é uma “pequena cidade do interior”. Assim, temos a cidade atual como resultante de antigas fazendas de cana escravistas que passaram por diversos processos modernizadores ao longo de sua história. De acordo com Marchiori (1987), começando com a centralização e modernização produtiva a partir dos engenhos centrais; passando pela urbanização do rural, ou seja, formação da freguesia de Quissamã, assim como pelo remodelamento arquitetônico desta (com início em 1920 e posterior retomada a partir de 1950 e 1970); chegando à era do petróleo na região.

De modo pioneiro no Estado do Rio de Janeiro, a Prefeitura Municipal de Quissamã disponibilizou meios tecnológicos para que todos os seus munícipes pudessem acessar gratuitamente a Internet banda larga em suas casas através da política pública municipal denominada “Internet Cidadão”¹⁴. Basta apenas que eles tenham computador e o “kit”¹⁵ de acesso *wireless*. Uma alternativa, geralmente usada pelos mais pobres, é acessar a Internet por meio das salas públicas de acesso gratuito, denominadas “Quissanet”. De acordo com dados fornecidos pela Prefeitura local, em março de 2007 cerca de 30% da população quissamãense estaria utilizando a Internet através desse sistema. Nesse mesmo período a cidade contava ainda com cerca de um computador para cada quinze

¹² *Apud*, CRUZ e PINTO, 2007, p. 321.

¹³ Em Quissamã, no século XIX, um engenho ou fazenda de açúcar representava, com todo o seu aparato, a casa-grande, a capela, as senzalas e a unidade fabril, quase que um pequeno estado, atento às necessidades dos que o cercavam ou o serviam (MARCHIORI, 1987).

¹⁴ Ver: www.quissama.rj.gov.br.

¹⁵ Esse é constituído dos seguintes equipamentos: 1 antena de grade 2,4GHz; 8 metros de cabo RGC (em média); 1 *pig tail*; 2 conectores N; 1 suporte para a antena; 1 placa PCI *Wireless*. O kit custa ao todo em média R\$ 350,00 no comércio local.

habitantes. Vale lembrar que antes de tal ação da Prefeitura a cidade não possuía provedor de acesso local, assim, era preciso estabelecer uma conexão discada interurbana para se conectar a Internet. Recentemente os sistemas de internet móvel e o *Velox* chegaram a Quissamã.

Nesse contexto de abundância de meios de acesso à grande rede e de um elevado nível de *usuários ativos*¹⁶ é que a cidade foi escolhida como campo de pesquisa. Essa teve início em junho e fim em outubro do ano de 2008. Foram entrevistados adolescentes e jovens entre 12 e 25 anos de baixa e média renda. Constatamos o Orkut, o MSN¹⁷ e as pesquisas escolares como os principais usos da rede por parte desses. Desse modo, delineou-se como “público alvo” os adolescentes e jovens usuários de internet, como “campo” as Quissanetes e *Lan-houses* e como “prática comum” dos usuários a sociabilidade virtual expressa no Orkut. Passaremos agora para o debate sobre a sociabilidade desses jovens quissamãenses no Orkut.

Os jovens usuários e o Orkut

Segundo nossa interpretação o Orkut é um *site* de relacionamentos interpessoais que permite a construção de um perfil virtual – ao estilo de uma planilha com fotos e informações do seu dono – que habitará um “lugar” virtual e poderá estar conectado a outros perfis de outras pessoas sob a lógica da rede. É como se todos os usuários tivessem uma ficha, com variados graus de informações pessoais, num grande arquivo público¹⁸ onde, em potencial, todos podem interagir com todos tanto se referindo aos perfis pessoais quanto às comunidades formadas pelos integrantes.

Quanto aos nossos entrevistados, designamos o nome *orkutianus quissamãensis* de forma análoga à nomenclatura das espécies promovida pelas ciências naturais, pois acreditamos na distinção destes e na particularidade criada pelo contexto de vida dos usuários; ou seja, acreditamos que eles conformam uma “espécie” diferenciada de internauta/orkutiano. Adiante explicaremos detalhadamente nossa hipótese e entendimento sobre essa distinção.

Quase a totalidade dos entrevistados afirmou utilizar o Orkut sempre que acessam a Internet. Quanto à frequência do acesso, a maioria relatou utilizar a Internet por mais de quatro vezes na semana. Encontramos dentre os entrevistados uma maioria significativa que não adicionam de maneira alguma “desconhecidos” à sua rede de amigos do Orkut. Uma minoria disse que adiciona “desconhecidos” também, contudo, dentre esses, a maior parte declarou fazer muitíssimo pouco tal prática e relatou também manter muito pouco contato com essas pessoas. Pouquíssimos foram os que declararam não ter Orkut.

Temos que a sociabilidade virtual que se dá entre esses jovens é demarcada fortemente pelo espaço urbano e pelas relações sociais estabelecidas *in real life*, ou seja, predominantemente resultante da relação *face a face*. Mesmo a Internet sendo um sucesso local e o Orkut uma ferramenta de quase todo jovem de lá, o círculo de

¹⁶ É assim considerado quem acessa a Internet pelo menos uma vez ao mês (ECHEGARAY, 2003).

¹⁷ Programa que possibilita o bate papo e a troca de conteúdos digitais entre pessoas previamente conectadas. Não é tal como os *chats*, pois aqui é necessário ter o endereço eletrônico do outro para que seja possível o contato. Funciona pela sociabilidade *presencial não-física*.

¹⁸ Apesar de ser um sistema privado, pois pertence a Google, é “público” para quem está no sistema, ou seja, as informações sobre cada um estão disponíveis, em variados graus de publicidade, para todos os demais.

amizades destes, e mesmo os contatos esporádicos (laços fracos¹⁹), não se globalizaram. O *orkutianus quissamãensis* prima pela interação e sociabilidade no Orkut com pessoas que já conhecem do dia-a-dia. Logo, entendemos que eles apropriam-se do Orkut para gerir suas sociabilidades locais, ou seja, com pessoas que eles conhecem no dia-a-dia pelo *face a face* e também com parentes²⁰. Há casos em que a sociabilidade se inicia no modo *on-line* e só depois passa para o *off-line*, mas a pessoa com que vão se relacionar ou é “conhecida de vista”, ou indicada por um amigo(a) ou apresenta as *referências tradicionais* que citamos mais acima. Os *orkutianus quissamãensis* parecem estar mais conectados ao “mundo social local” do qual já faziam parte do que ao *cibermundo* de possibilidades que a Internet trouxe. Eles aceleram sua vida social local com o uso da Internet ao invés de estabelecerem redes desterritorializadas de laços sociais²¹ (fracos ou fortes).

Para nossos entrevistados, há os conhecidos do dia-a-dia, que são *adicionáveis*, e os demais, que em grande medida são *desadicionáveis*. Nesse sentido, o “desconhecido” do Orkut/internet é freqüentemente demarcado pelos *orkutianus quissamãensis* com o prefixo “des”: desconfiável, desacreditável, desaconselhável, desadicionável, desumanizado, desterritorializado, etc. Eles são sempre o “outro”, “alguém de lugar algum”, que não se sabe se o que disseram em seus perfis de Orkut é digno de confiança. São vistos como pessoas aptas aos crimes cibernéticos e com tendências a terem perfis *fake*. A visita de um desconhecido ao perfil do *orkutianus quissamãensis* é vista com receio e às vezes desaprovação por parte deste, a coisa é tratada como invasão de privacidade por alguns e por outros é vista como algo inerente ao Orkut, mas ainda sim como um fato estranho: “*o que essa pessoa veio fazer aqui no meu Orkut?*”.

Quanto às relações de amizade, os *orkutianus quissamãensis* vêem diferenças entre amizades feitas *a priori* no dia-a-dia (*in real life*) e amizades feitas estritamente na Internet (Orkut, MSN e *chats*). As primeiras são delineadas por atributos típicos da sociabilidade *face a face*. Ou seja, de acordo com os entrevistados, as amizades do dia-a-dia podem promover: confiança, sinceridade, intimidade, afinidade e calor humano devido à convivência e ao contato diário; além disso, podem-se ver as qualidades e defeitos da pessoa bem como estabelecer contato tátil (abraço, beijo, aperto de mão, etc.). As da Internet não redundam em “amizade verdadeira” para a maioria. Os entrevistados argumentam que não é possível saber se o outro está sendo verdadeiro quanto ao que diz sobre si; e mais, para eles, pela Internet só dá para saber como o outro é através daquilo que ele mesmo diz sobre si.

É interessante notarmos que apesar de haver desconfiança quanto aos desconhecidos da Internet por parte dos *orkutianus quissamãensis*, também há uma curiosidade marcante pelo perfil de Orkut dos outros, seja ele desconhecido ou não. A maioria declarou que também costuma visitar o Orkut de pessoas desconhecidas; alegam as seguintes razões para isso: vão ao perfil de desconhecidos quando estes vão ao deles primeiro (*quem é essa pessoa e o que ela veio fazer no meu perfil?*); também vão quando se interessam

¹⁹ Ver CASTELLS, 2007, p. 445.

²⁰ Entendemos que esse tipo de sociabilidade comunitária e familiar pode também ser encontrada em pequenas cidades (comumente chamadas de *cidades do interior*), em zonas rurais e em subúrbios das grandes cidades brasileiras.

²¹ É expressiva a quantidade de jovens quissamãenses que mantêm relações sociais à distância pela Internet, contudo, a “amizade” se dá *a priori in real life*. Por motivo de afastamento ou mudança domiciliar, o contato/amizade acaba sendo mantido pelo MSN e Orkut, entretanto, muitos continuam se encontrando *face a face* mesmo que esporadicamente.

pela foto da pessoa ou quando desejam iniciar uma paquera eletrônica. Sobremaneira, apesar da curiosidade o *orkutianus quissamãensis* interage muito pouco com quem não conheceram pelo dia-a-dia fora da Internet.

Comunitarismo virtual em Quissamã

Para o caso de Quissamã, acreditamos que esta não-abertura para as dinâmicas de sociabilidade desterritorializadas com estranhos é delineada por tradicionalismos em face da baixa frequência de fatores marcadamente “urbanos” ligados ao desenvolvimento e à radicalização da modernidade (fragmentação da vida social, adoção de identidades fragmentadas, império da escolha, dentre outros). Mesmo a Internet possibilitando interações com dinâmicas globais e o contato com outras (ciber)culturas, (ciber)tribos e (ciber)identidades, o que parece ocorrer com nossos entrevistados jovens e adolescentes de Quissamã é o fechamento à esse viés. No limite, há sociabilidades com amigos e parentes que eram próximos mas que se mudaram para outras cidades, sendo esses os “iguais/familiares”, porém, “iguais à distância”.

Para levantarmos apontamentos que nos possibilitem ao desvendamento dos “porquês” desse fechamento a uma sociabilidade desterritorializada seguiremos duas hipóteses que, no limite, podem se complementar no decorrer de nosso estudo e pesquisa. Para a primeira hipótese iremos trabalhar a partir das observações das mudanças na balança identitária “nós-eu”, as quais Norbert Elias (1994) discutiu em *A Sociedade dos Indivíduos*. No decorrer da explanação faremos algumas ressalvas necessárias à teoria do autor²². Na segunda hipótese iremos propor uma interpretação própria para o fenômeno da não-abertura às sociabilidades desterritorializadas, onde o misto de “receio/curiosidade” para com os desconhecidos da Internet, em comunhão com o não-domínio das tecnologias por parte dos entrevistados contribuiria para as sociabilidades virtuais localizadas, ou como denominamos, ao *comunitarismo virtual*.

Em relação à identidade e a constituição dos grupos humanos, o desenvolvimento econômico e social aparece em Elias como o indutor do aumento da individualização nas sociedades. “*O desenvolvimento promove a individualização pelo desprendimento do ser das antigas formas de estruturação dos laços sociais: família, clã, tribo, etc.*” (ELIAS, 1994, p. 148). No mundo antigo, a identidade-nós que era aglutinada pela tribo, clã, família ou comunidade tradicional, não abria espaço para o aparecimento de um conceito universal relativo à pessoa isolada. Posteriormente, mais precisamente no Renascimento, essa identidade-nós perde terreno para a identidade-eu em virtude do desenvolvimento de alguns países, primeiramente os do contexto europeu. Assim, os Estados centrais passam a fazer o papel aglutinador das sociedades (integração dos indivíduos) por meio da identidade-nós, ou seja, “tomam” das tribos, clãs e grupos consanguíneos a função de *unidade autônoma de sobrevivência*. No decorrer desses processos de integração o indivíduo perdia, antes de mais nada, as chances de poder em relação à sociedade. “*É característico da estrutura das sociedades mais desenvolvidas de nossa época que as diferenças entre as pessoas, sua identidade-eu, sejam mais altamente valorizadas do que aquilo que elas têm em comum, sua identidade-nós*” (ELIAS, 1994, p. 130).

²² Ele escreve para o contexto europeu e utiliza um conceito de desenvolvimento por etapas, interpretação essa que consideramos evolucionista.

Para Elias, se considerarmos a relação entre a identidade-eu e a identidade-nós, poderemos dizer que em todos os países, tanto mais quanto menos desenvolvidos, as duas estão presentes. Entretanto, nos primeiros é mais forte a ênfase na identidade-eu, enquanto nos últimos ela recai sobre a identidade-nós pré-nacional, seja ela a família, a aldeia nativa ou a tribo. Nesse sentido, trazendo a discussão para Quissamã e para seus *orkutianus quissamãensis*, ao que parece, a identidade-nós ligada à localidade estaria representando um papel similar ao que a da família, tribo, clã e comunidade tradicional representam numa “etapa” pré-nacional ou “pré-desenvolvimento”. Assim, imbuídos dessa integração localizada bem como da identidade daí decorrente, a sociabilidade dos jovens quissamãenses demarcar-se-ia pelos laços sociais estabelecidos dentro dessa localidade/“família”/“tribo”/comunidade. Nesse caso, é como se a identidade-eu dos quissamãenses não sobrepujasse a identidade-nós local, assim, ocorreria um distanciamento identitário do tipo que estabelece quem são os quissamãenses (os familiares) de forma distinta das demais pessoas que eles encontram na Internet (os desconhecidos/estranhos). Segundo Giddens (1997), a modernidade não acaba com a tradição, aquela reconfigura essa, e Quissamã, nesse sentido, corrobora a modernidade com seus tradicionalismos no Orkut.

Ao contrário do que ocorre em nosso campo, a grande maioria dos internautas brasileiros são moradores dos grandes centros urbanos. Esses locais concentram grande parte da infra-estrutura de acesso devido a condições de mercado de consumo bem como de fatores de segregação sócio-espacial. A disponibilidade ao acesso ao ciberespaço segue, em grande medida, uma primazia elitista, urbana e, portanto reprodutora de lógicas do mundo *off-line*.

A Internet acompanha, e em certos casos aprofunda, o padrão nacional de desigualdade, por ser um fenômeno particularmente concentrado nas grandes metrópoles do país [...] e nas regiões mais desenvolvidas. [...] o acesso à Internet concentra-se nos segmentos com maior nível de escolaridade e maior renda, no meio urbano e nos estados mais ricos da federação. A distribuição desigual de acesso se reproduz no interior de cada estado e município [...] (SORJ, 2003, p. 84).

Temos também que a popularização da Internet em ocorrência em Quissamã tem colocado um grande contingente de jovens no ciberespaço, sobretudo os mais pobres. Os jovens quissamãenses adentraram com afimco nesse novo mundo que a princípio lhes era estranho, por exemplo, por não ter referências locais de conteúdo na *web*. No entanto enxergaram no Orkut um local de encontro, um destino comum, uma espécie de “praçinha virtual” onde poderiam encontrar seus semelhantes. Assim, apesar de a Internet possibilitar a interconexão global dos indivíduos bem como a expressão de um *cosmopolitismo sem sair de casa*, o que ocorre no Orkut é a reprodução das dinâmicas de sociabilidades locais *off-line*. Ou seja, os *orkutianus quissamãensis* estão no Orkut para relações com pessoas de sua cidade e do seu entorno social demarcado pelas relações *face a face*. A título de exemplo, esse tipo de comportamento familístico é detectado por José de Souza Martins nos jovens trabalhadores rurais procedentes de famílias muito conservadoras que acabam aderindo ao MST. Esses jovens apesar de aos poucos se ressocializarem por força do convívio com estranhos e pessoas das mais diversas procedências, ocorrendo, portanto, um alargamento de horizontes e experiências e, logo, enriquecimento desta, ainda sim eles retornam às estruturas fundamentais do familismo e da vizinhança rurais (MARTINS, 2000, p. 47).

Voltando ao contexto sócio-histórico de Quissamã, temos que em um passado recente:

As grandes propriedades rurais de Quissamã produziam mais ou menos todo o necessário para o seu consumo interno, especialmente os produtos agrícolas de subsistência: milho, arroz, feijão, mandioca, além das carnes e dos numerosos rebanhos. Toda fazenda possuía também uma área destinada às fruteiras ou pomares, onde eram comuns as mangueiras, os cacauzeiros, pessegueiros, laranjeiras e inúmeras outras árvores frutíferas. [...] As casa de farinha e um grande aparato de oficinas de serviços, como as carpintarias, ferrarias e olarias, também faziam parte do patrimônio das fazendas. Os engenhos, movidos a vapor nessa época, com seus vários edifícios, requisitavam todo esse aparelhamento (MARCHIORI, 1987, p. 35).

Como podemos ver, a sociedade rural patriarcal e escravista que se organizara em Quissamã representava, na figura da usina de cana, “unidades de sobrevivência humana” para as pessoas dessa sociedade. Essas usinas permeavam um envolvimento pessoal bem como uma identidade-nós difundida entre os moradores e trabalhadores do seu entorno. Ou seja, os papéis de “integrar” e “prover” que as famílias, tribos e clãs “faziam”, as usinas de certo modo o fizeram em Quissamã. Esse tipo de configuração social não é particularidade dessa cidade, conforme destacamos anteriormente ele é também representativo, de um modo mais geral, do Brasil rural.

Para Elias [...] “quanto maior a margem de diferenciação nas experiências gravadas na memória dos indivíduos no curso do desenvolvimento social, maior a probabilidade de individualização” (ELIAS, 1994, p. 154). Assim, como Quissamã herda tais características sócio-históricas de uma sociedade rural, patriarcal e escravista, onde as usinas e fazendas de cana eram pequenos “mundos à parte”, a vida social dos moradores e trabalhadores, em sua grande maioria, se tornou pouco policromática. Ou seja, várias gerações levavam vidas inteiras pertencendo a um mesmo sistema social “estável”. Mesmo tendo convivido com formas distintas de viver e ver o “mundo” que as cercavam – uma vez em que houve imigração estrangeira para a região – ainda sim as fazendas conseguiram proporcionar integração enquanto unidades de sobrevivência. Assim, tem-se uma pequena margem de diferenciação das experiências gravadas na memória dos quissamãenses, algo que não parece ter sido suficiente para gerar identidades-eu fortes e uma conseqüente individualização durante longos períodos da vida local.

A tendência, ao que parece, é que uma abertura para sociabilidades desterritorializadas parece estar em curso. A curiosidade que muitos jovens quissamãenses demonstram pelo “mundo lá de fora”, atrelada a outras condicionantes da modernidade radicalizada (globalização, desencaixe, migração, desenvolvimento, etc.), pode levar a configuração de novos cenários para a sociabilidade virtual dos *orkutianus quissamãensis*. Cenários que podem não seguir os moldes de Elias (1994), quanto ao desenvolvimento e a mudança na balança “nós-eu”, ou mesmo se distanciar do que denominamos como *comunitarismo virtual*.

Com a radicalização da modernidade (GIDDENS, 1991) cada vez mais o indivíduo tem que contar muito mais consigo mesmo ao decidir sobre a forma dos relacionamentos e sobre sua continuação ou término. Para Elias (1994), muitas relações familiares (extensíveis aos clãs e tribos), que antes constituíam coerções externas obrigatórias e vitalícias para muita gente, passam a assumir cada vez mais o caráter de união voluntária e revogável, o que impõe exigências mais elevadas à capacidade de autodomínio das pessoas implicadas e o faz igualmente para ambos os sexos. Todo esse desenvolvimento contribui para que a balança *nós-eu* se incline para o lado do *eu*. A

proeminência dos recentes processos de globalização nos permite conjecturar que essa inclinação da balança em direção ao *eu* seja uma tendência crescente em cada vez mais lugares do mundo, sobretudo em Quissamã.

Cada vez mais as pessoas têm de se “esforçar” para manterem as relações sociais locais que, num passado próximo, eram, de certa forma, habituais. No caso em que estamos trabalhando, a explicação para o fechamento às sociabilidades com pessoas de fora do contexto local carece da aceitação de que existam tradicionalismos pertinentes na sociabilidade dos *orkutianus quissamãensis* (familismo, vínculos comunitários, etc.). Esses tradicionalismos além de serem alimentados por uma identidade-nós são ressignificados pelos processos modernizadores (por exemplo, adoção de modalidades virtuais de interação), o que, por fim, conforma o *comunitarismo virtual*. Logo, o *tradicionalismo ressignificado* expresso nas sociabilidades virtuais dos *orkutianus quissamãensis*, é uma conformação híbrida oriunda de aspectos de um recente passado rural com os diversos processos modernizadores que chegam a Quissamã.

Por outro lado, em nossa outra hipótese, teríamos que a não abertura às sociabilidades virtuais desterritorializadas por parte dos *orkutianus quissamãensis* seriam reforçadas pelo não domínio ou desconhecimento das tecnologias que envolvem a Internet e a informática em geral. Muitos desse jovens, apesar de terem a curiosidade de vagar pelo vasto mundo da Internet, declaram inúmeros “receios” e “medos” quanto ao que potenciais desconhecidos possam fazer contra eles. Notícias da televisão quanto aos cibercrimes – sobretudo a pedofilia – aparecem como justificativas para uma navegação mais restrita tanto no uso do Orkut quanto dos demais aparatos interativos da *web*.

Não saber dominar a tecnologia é não saber se “defender” das ameaças virtuais provocadas pelos internautas desconhecidos, então um controle que se torna acessível a quem não domina as tecnologias é limitar o grau de inserção/imersão no ciberespaço. E isso é feito por nossos entrevistados através do controle sobre as seguintes variáveis: dados pessoais, fotos, dados domiciliares, idade, entre outros. Além disso, o mais forte controle parece ser mesmo a não-procura de relações virtuais com pessoas que não são ou foram conhecidas a priori no dia-a-dia *off-line*. Assim a curiosidade eletrônica pelo outro/desconhecido da Internet/Orkut até existe por parte do *orkutianus quissamãensis*, contudo, ela tem limites, ou seja, gera baixíssimos níveis de sociabilidade com outras pessoas além da realidade local.

Se se promove a alfabetização digital em Quissamã, que para nós vai muito além de apenas disponibilizar o acesso ao computador e à Internet, poderíamos ter incrementos nos níveis de “domínio” das novas tecnologias por parte dos quissamãenses. Esses, por sua vez, teriam um maior conhecimento sobre potenciais riscos da navegação e o domínio sobre outras formas de controle que não somente a flexibilização da inserção/imersão no ciberespaço. Seriam pessoas que poderiam navegar sem “tanto” medo na Internet, pessoas que estariam mais aptas a explorar os meandros da rede mundial sem receio nem “bloqueio” de encontrar o outro – *o desconhecido internauta do outro lado da tela*.

Em virtude de constatações de nossa pesquisa, assim como de análise bibliográfica sobre o tema da sociabilidade virtual, podemos dizer que, de forma genérica, os padrões de interação social na Internet reproduzem em grande medida a sociabilidade do mundo real. Logo, confirma-se a tese da *virtualidade do real* de Castells (2007). Temos então

que em Quissamã, mais proeminente que o individualismo em rede, encontramos é uma espécie de *comunitarismo virtual*. Ou seja, pessoas que moram em uma mesma localidade (geograficamente próximos), que partilham de uma identidade-nós, partilham também de uma pertença grupal/comunitária e que mantêm pela Internet, mais precisamente pelo Orkut, sociabilidades entre entes próximos conhecidos do dia-a-dia. As redes sociais dos *orkutianus quissamãensis* parecem resultar muito mais do encontro prévio *in real life* bem como de dinâmicas comunitárias/grupais do que de agregação de interesses e ou identidades em comunidades virtuais. Na idéia do individualismo em rede uma comunidade virtual surgiria da agregação de interesses e propostas confluentes no ciberespaço; no *comunitarismo virtual*, as dinâmicas sociais do dia-a-dia/*off-line* são meio que “transportadas” para o espaço virtual.

No *comunitarismo virtual* a sociabilidade *face a face* condiciona os meios pelos quais as duas outras formas ocorrerão: “*só adiciono no meu Orkut e por ele interajo com a pessoa se eu já a conheço do dia-a-dia*”. E mais, como os *orkutianus quissamãensis* praticamente não se mobilizam em comunidades de Orkut, o que temos são relações diretas, do Orkut de “fulano” para o Orkut de “beltrano”. A comunidade virtual que se forma então toma como base o próprio Orkut, e não sua plataforma de comunidades. No limite, é como se um grande grupo entrasse de uma vez no Orkut, um grupo composto de vários grupos de pessoas jovens que já se conheciam e que passaram a utilizar o Orkut como possibilidade a mais de exercício da sociabilidade. E essa comunidade virtual manteria tradicionalismos e uma identidade-nós que, no caso de Quissamã, promoveram a delimitação das sociabilidades virtuais dos *orkutianus quissamãensis* conformando assim o *comunitarismo virtual*.

1 CONSIDERAÇÕES FINAIS: COMUNITARISMO VIRTUAL VERSUS INDIVIDUALISMO EM REDE?

Conforme já dissemos, até o momento as evidências têm nos permitido pensar em duas hipóteses para explicar a constatação das relações virtuais geolocalizadas dos quissamãenses: há um apego emocional local (identidade-nós local), algo até certo ponto similar ao que Elias (1994) constatou em situações pré-estatais, onde o apego à família, aos parentes, à terra natal ou à tribo aparece como forte integrador social; a falta de domínio da tecnologia informacional por parte da maioria dos jovens usuários criaria gargalos quanto à qualificação da navegação bem como ao estabelecimento de relações sociais desterritorializadas na Internet – o desconhecimento do meio geraria medo em relação ao “outro/desconhecido” internauta.

Boa parte dos jovens usuários que entrevistamos relatou medos e receios quanto a *mares desconhecidos no oceano da Internet*. Há um medo pungente do encontro “azarado” com cibercriminosos em *sites* suspeitos da Internet. O não-domínio da tecnologia levaria a um não entendimento sobre o que se pode fazer sem riscos, limita a experimentação e torna a navegação do *orkutianus quissamãensis* pouco policromática. Basicamente eles não iriam muito além de Orkut e MSN por uma somatória de razões: gostam do que esses programas possibilitam (bate papo); não sabem ou não procuram outros afazeres na Internet; o aprendizado desses programas é simples e geralmente provido pelos colegas próximos; não demandam grandes investimentos em tempo e estudo; o risco é controlável uma vez em que dominar o uso do Orkut bem como

desativá-lo – em caso de problemas – são tarefas fáceis; dentre outras razões menos citadas.

Pois bem, em seus estudos sobre a era da informação e a sociedade em rede, a questão central trabalhada por Castells (2007) é o insurgente individualismo em rede. Para ele tal fenômeno permeia o bojo das transformações sociais que estão ocorrendo no mundo contemporâneo. Assim, a vida comunitária “tradicional” e as sociabilidades daí decorrentes contrastam-se à fragmentação da vida social e a generalização do individualismo. Contudo, o que o autor argumenta é que o individualismo que se observa na contemporaneidade exprime-se por meio de redes, ou seja, não é um fenômeno que isola e alija as pessoas do convívio social, sobretudo aquele que era demarcado pela localidade, mas sim um fenômeno que coloca novas formas de convívio social expressas em redes mediadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação. Onde cada vez mais o “lugar” do convívio social independe da localidade e do seu entorno e se aproxima da autodeterminação (escolhas). E aí as pessoas tem inúmeros motivos, razões e questões para estabelecerem relações sociais com grupos e pessoas que não necessariamente convivem com elas lado a lado no dia-a-dia. Para Castells, essa sociabilidade decorrente do individualismo em rede é o que demarca as relações sociais modernas. Entretanto é preciso levarmos em conta o contexto europeu em que esse autor vive e pesquisa. É possível que essas diretrizes da sociabilidade do individualismo em rede sejam apercebidas nos países europeus, Estados Unidos e demais nações que tenham atingido um grau de desenvolvimento avançado e por isso um grau acentuado de individualização em suas sociedades (ELIAS, 1994).

Nesse sentido o estudo de caso em Quissamã tem-se mostrado revelador quanto à amplitude da facticidade desse argumento. Lá, a localidade demarca a sociabilidade *off-line* bem como *on-line*. A maioria dos jovens quissamãenses, apesar de co-existirem no Orkut com pessoas de vários lugares do Brasil e do mundo, pessoas de culturas diferentes e com interesses diversos, não estão tão abertos a adicionarem à sua rede de amigos e a se relacionarem com essas pessoas. Eles interagem através da Internet primordialmente com pessoas que eles conhecem do dia-a-dia, gente que eles encontram na rua, na escola ou no próprio bairro, gente que eles conhecem numa praquinha ou numa festa. Não é que eles não se relacionem de maneira alguma com “desconhecidos” da internet, a questão é que para se dar a sociabilidade virtual do *orkutianus quissamãensis* no Orkut, quase sempre é preciso que ela se dê fora do Orkut e da Internet, para eles, é quase que fundamental conhecer a pessoa antes, no *face a face*.

Ainda que pareça um paradoxo o fato dessa vida social comunitária *off-line* se transpor para a rede mundial de computadores – tida muitas vezes como a expressão do que há de mais moderno ou pós-moderno em nossas sociedades – ela o está fazendo. Esse trabalho nos permite pensar e indagar se em outros contextos do Brasil e do mundo tal prática também possa ser encontrada, uma vez em que a modernidade se apresenta aqui pelo hibridismo, pela existência de tradicionalismos em meio ao que há de mais moderno. Acredito que podemos pensar o *comunitarismo virtual* em outros lugares e contextos, e o desafio para tal é pensá-lo enquanto *prática*, suplantando assim a perspectiva que o veria enquanto *casos a parte* e especificidades em derrocada em meio à radicalização da modernidade.

No entanto, o que podemos afirmar até o momento, é que, contrastando a perspectiva de Castells (2003) quanto ao individualismo em rede na modernidade, em Quissamã temos

por parte dos *orkutianus quissamãensis* uma espécie de *comunitarismo virtual*, marcado pelo estabelecimento de relações virtuais entre pessoas espacialmente e culturalmente próximas e sociabilizadas em dinâmicas comunitárias em modo *off-line*.

REFERÊNCIAS

BRETAS, Maria Beatriz Almeida Sathler. **Interações telemáticas**: estudo sobre jovens internautas de Belo Horizonte. 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. **A era da informação**: Economia, Sociedade e Cultura. 10 ed., v. 1. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

_____. O poder da identidade. **A era da informação**: Economia, Sociedade e Cultura. 5 ed., v. 2. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

_____. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

CRUZ, J. L. V. da; PINTO, A. B. M. Quissamã: um município petro-rentista. In: PIQUET, R.; SERRA, R. (Org.). **Petróleo e Região no Brasil**: o desafio da abundância. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 319-346.

DOMINGUES, J. M. Reflexividade, Individualismo e Modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 55-70, 2002.

ECHEGARAY, Fabián. Dimensões da Cibercultura no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 9, n. 2, 2003, p. 20-45.

FERNANDES, F. **A Construção do Imaginário Cyber**: William Gibson, criador da cibercultura. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2006.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FRÚGOLI JR., H. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 2007.

GIDDENS, A. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.

MARCHIORI, Maria Emília Prado [*et al.*]. **Quissamã**. Rio de Janeiro: SPHAN. Fundação Nacional Pró-Memória. 6 ed. Diretoria Regional, 1987. 200 p.

MARTINS, J. de S. **A Sociabilidade do Homem Simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000.

PEREIRA, C. da S. **Os wannabees e suas tribos**: adolescência e distinção na Internet. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, v. 15, n. 2, 2007.

SILVA, L. O. A Internet – A Geração de um Novo Espaço Antropológico. In: LEMOS, A.; PALACIOS, M. (Org.). **Janel@s do Ciberespaço**: comunicação e cultura. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2001. p. 152-172.

SORJ, B. **Brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.